

Vida Religiosa e sinais dos tempos que correm.

Reflexão e discernimento.

Em torno de Lc. 24, 25-27

P. Edenio Valle, SVD

Sempre julguei ser o Evangelho de Lucas o mais original dos três textos sinóticos. O libreto preparatório da 23ª. AGE (*"Permanece conosco! Estudo, Reflexão, Oração"*) nos ofereceu uma primorosa comprovação de que não estou equivocado. É, assim, com inteira razão que a presente Assembleia Nacional da CRB nos propõe assumir o episódio de Emaús (Lc 24, 13-35) como referência para a já longa transição pela qual passa a figura tradicional que a instituição VR tomou no Brasil na primeira metade do século XX. As mudanças que ocorreram no mundo, na Igreja e na própria VR desde o Concílio Vaticano II comprovaram que tal não era o caso. A imagem que durante séculos havia condicionado o nosso imaginário e tida como a praticamente e única que a VR, em especial a apostólica, deveria e poderia assumir no mundo inteiro mostrou-se como carente de uma crítica histórica séria e abrangente que nos levasse ao que realmente é fundante em nosso carisma.

A experiência vivida pelos dois de Emaús é nesse sentido de grande ajuda para o discernimento do que vivemos como religiosos e religiosa nos 50 anos que se seguiram ao Vaticano II. Pode, além disto, nos mostrar que a raiz da opção pela vida evangélica tem seu fundamento último no encontro com o Ressuscitado. Retomar a experiência pascal subjacente à descoberta dos dois que caminhavam de Jerusalém a Emaús é decisivo, sobretudo quando somos assaltados pela tentação da dúvida. Em tais circunstâncias, repetidas vezes vivida pela Igreja, tendemos a repetir a quase queixa dos dois de Emaús ao dizerem ao desconhecido que os acompanhava: " nós esperávamos, mas..," (Lc 24, 21) .

Ao Pe. Carlos Palácio e a mim foi solicitado que abordássemos especificamente certos aspectos que a Vida Religiosa não soube reconhecer adequadamente nesses últimos tempos. A pergunta que nos é sugerida pode ser assim formulada: será que tomar consciência do que se passou com aqueles dois discípulos, quando regressavam cabisbaixos ao cinzento de suas vidas, poderia nos revelar que também nós estamos sendo "insensatos e lerdos de coração" (v. 25) para reconhecer que o Senhor caminha ao nosso lado e conosco parte o pão no qual o reconhecemos como vivo em nosso meio?

I. Situando minha compreensão de Lc 24, 25-27

1. Desde os tempos em que eu, ainda jovem, estudava exegeticamente o

Evangelho de Lucas, aprendi que este evangelista, mais do que historiar os fatos, estava interessado em levar a comunidade lucana a compreender o sentido profundo da fé, sem a qual o caminho do seguimento se torna vão. Em outras palavras, a intenção de Lucas, ao compor o seu Evangelho e especialmente este capítulo 24, era a de apresentar uma estória prototípica que servisse como chave de leitura para todos os que fizessem a opção de crer na Ressurreição de Jesus pela ação do Espírito Santo que Ele nos deixou para nos introduzir em toda a verdade. Lucas, como hábil narrador que era, compôs um relato que se desenvolve em vários atos, quase como numa peça de teatro. Seu objetivo era o de demonstrar que sempre que somos ameaçados pela tentação de perder o sentido da vocação a que somos chamados Jesus se revela como presente ao nosso lado, em meio às procelas da caminhada. Disto muito ouviremos falar na presente Assembleia que explicitará cada um dos passos vividos pelos apóstolos e discípulos/as de Jesus durante a semana decisiva em que se consumou a sua morte e ressurreição. .

2. Essa lição fundamental de Lucas se tornará ainda mais evidente se, complementarmente, lermos também o relato que ele nos faz do encontro de Jesus Ressuscitado com “os onze e os que com eles estavam” (v.33), contado no mesmo capítulo (Lc 24, 36-43). Eles estavam escondidos – “perturbados e cheios de dúvida em seus corações” (v. 38) – em uma sala, comentando entre si tudo o que se passara naqueles dias. Num gesto tão amigável e significativo quanto o da fração do pão na pousada de Emaús, Jesus se põe no meio deles e lhes transmite de novo a paz e a alegria (v. 36 e 41). A mensagem repassada antes aos dois de Emaús é repetida quase que textualmente: “era preciso que se cumprisse tudo o que estava escrito sobre mim” (v.45.). E a exemplo do ocorrido com os dois de Emaús, “embora os apóstolos estivessem ainda “vacilantes” (v. 41), seus corações “foram transbordados de alegria (v. 41), se lhes abriu a mente” (v. 45) e eles entenderam que não fora vão confiar e crer na pessoa e na promessa de Jesus. .

Note-se que, segundo Lucas, após restituir aos seus a confiança e a esperança, Lucas coloca nos lábios de Jesus uma promessa absolutamente essencial para a compreensão do sentido pleno da Ressurreição. É o mandato da missão: “vós sois testemunha disso” no mundo inteiro (v. 48) ao qual se agrega, como sinal e garantia a promessa de que seriam revestidos da força do Alto “prometida pelo Pai” (v. 48-49). Aparece aqui em sua plena luz o Espírito consolador que dirige a experiência vivida pelos que seguem a Jesus, malgrado as tentações das quais nem ele foi poupado (Lc 4, 1-13).

3. Se nossa reflexão se limitasse apenas ao último capítulo de Lucas, poderíamos pensar que, ao saírem em missão, alegres e cheios da força do Espírito, seus discípulos e discípulas passariam a estar isentos das tribulações normais da

vida humana e da história. Eles e elas conheceriam apenas o êxito, ou como dizem alguns pastores neopentecostais, a “vitória” e a “a prosperidade”. O capítulo 4 (1-13) nos ensina que não era a intenção do evangelista da misericórdia e da gratidão. Propositadamente, ele nesse capítulo narra com todas as letras como Jesus, antes de entrar em sua missão, foi submetido às mesmas tentações às quais o povo de Israel havia sido reiteradamente exposto durante a travessia do deserto. Quem o conduzia, repete mais de uma vez Lucas, era o próprio Espírito (Lc, 3,22; Lc 4, 1 e. 14). Ao invés de o isentar da tentação e do mal, o Espírito permite que ele seja tentado para melhor perceber o sentido de sua missão e da missão que Ele confiaria à fragilidade de seus discípulos enquanto sinal escatológico do Reino de Deus. Com isso, fica claro que, contrariamente à lógica do mundo e da carne, é na fraqueza que se manifesta a força do amor e da graça de Deus. Daí a oração constante de uma Igreja que como Jesus reza: “ livrai-nos do mal, Amém”.

4. Ainda duas complementações sobre a maneira didática com que Lucas volta a essa verdade essencial sobre o Espírito de Jesus e o do mundo para o entendimento de seu Evangelho. Uma é a do episódio em que Jesus se apresenta aos seus conterrâneos na sinagoga de Nazaré (Lc 4, 14-30) para lhes dizer quais são os destinatários de sua missão como o Messias ungido pelo Espírito (v. 14). Sua missão era a de cumprir o que havia sido anunciado por Isaías (cf em Lc 4, 18-19): Ele fora ungido pelo Espírito do Senhor para anunciar aos pobres e pequenos que deles era o Reino dos céus (v. 18) e que a eles se destinava o “ano da graça do Senhor” (v. 19). Essa mensagem é imediatamente rejeitada por seus conterrâneos que, continua Lucas, ao ouvirem isto “se encheram de cólera” (v. 28) e cegos o lançaram para fora da cidade (v. 29) para o matar, mas “ Ele passou pelo meio deles” (v. 30).

A outra consta dos Atos dos Apóstolos, texto imputado a Lucas e se refere aos “homens e mulheres” que “pertenciam ao caminho” (At 9,2). Também aqui retorna a luta entre a aceitação e a negação da Boa Nova de Jesus. Aparece também – e não sem razão – o primeiro nome com que foram chamados os cristãos. O texto nos mostra, assim, que as primeiras comunidades eram “peregrinas e missionárias e que para elas a presença do Espírito era, nesse caminhar, a garantia de paz, especialmente nas perseguições e tribulações que são inerentes à caminhada de fé dos discípulos e discípulas. Era nesse lusco-fusco que as primeiras comunidades aprendiam a discernir a misteriosa ação do Espírito. Era assim que reconheciam que Jesus não as deixara órfãs, mas continuava presente e vivo nos altos e baixos do caminho. Os fracassos e dificuldades se tornavam, dessa maneira paradoxal, um convite para que elas não olvidassem que o Ressuscitado continuava sendo seu companheiro de viagem.

II. Ambiguidades de uma crise que já dura muito

1. Estou pessoalmente convencido de que entre os muitos sinais dos tempos que nós religiosos e religiosas temos hoje maior dificuldade em individuar e aceitar está o reconhecimento de que a crise epocal pela qual passa o mundo contemporâneo veio pra ficar. É-nos difícil admitir que também no futuro próximo deveremos contar com um mundo plural e aberto a possibilidades que pouco irão depender do aporte da Igreja e da Vida Religiosa como acontecia num passado ainda recente. Já não somos tão importantes e reconhecidos como antes.

Se há 50 anos a Igreja do João XXIII reconheceu que ela devia abrir-se ao diálogo com a modernidade, hoje a Igreja de Francisco nos convida a renunciar à pompa e ao prestígio. Por essa razão foram se diluindo o discurso e as práticas que legitimavam a postura otimista suscitada pelo Concílio do Vaticano e o *aggiornamento* que se seguiu. Na América Latina e no Brasil, contudo, numa espécie de contrapeso cuja origem foi Medellín, partimos para uma providencial busca de uma Igreja mais inserida na realidade e mais comprometida com os pobres. Nosso lugar social e nosso foco de atenção passaram a ser em boa parte os do mundo dos pobres, o que nos serviu como um antídoto à perigosa ilusão de nos salvar apenas através de uma abertura aos padrões e valores da assim chamada modernidade. A opção preferencial pelos pobres, assim como a vivemos na VR brasileira, é um sinal dos tempos que ainda precisa completar o seu ciclo histórico e ser compreendido e assimilado melhor. Esse discernimento poderá ser um ponto seminal para a nova figura histórica da Vida Religiosa a ser construída no século XXI. Para tanto, contudo, devemos aprender a ir mais fundo na crise que atravessamos. O mais fundamental é resistir à tentação de nos deixarmos cooptar pelos fascínio do mundo e pela tentação de cuidar mais em manter o lugar e o papel social que ocupávamos no passado ao invés de nos deixarmos conduzir pelos valores do Evangelho e a interpelação que continua nos vindo do mundo da pobreza tanto material quanto espiritual do mundo em que vivemos. .

2. Ninguém no Brasil abordou melhor essa questão da transição pela qual passam a figura histórica e a função da Vida Religiosa na presente conjuntura do que Carlos Palácio. Ele foi um dos primeiros a perceber a seriedade do que estava se dando. Como teólogo que é, não se deteve na consideração apenas dos aspectos históricos, sociológicos e psicoantropológicos dessas poderosas mudanças. Soube encará-las principalmente do ponto de vista da Teologia e da Espiritualidade, sem esquecer os aspectos que são propriamente específicos à vocação da VR na Igreja e no mundo.

Já em 1979, falando de impasses que paralisavam e neutralizavam a energia

da Vida Religiosa, ele enunciava diversos pontos de estrangulamento para uma definição do novo que andávamos buscando. Aludia primeiro à própria definição do que deveria ou poderia ser esse novo modelo religioso de vida, não propriamente em sua essência teológica e carismática, mas em sua concretização histórica. A falta de clareza estava dando origem a divisões e resistências que atingiam aspectos nada secundários da caminhada, como bem demonstrava a crescente onda de abandonos na Vida Religiosa masculina e feminina dos anos 70 e seguintes. A dificuldade central residia na interpretação do sentido, do valor e do campo mais conveniente ao exigido pelo carisma e missão evangélica de nossa presença e missão no mundo e na Igreja. A figura que a VR havia assumido anteriormente condicionava e limitava pesadamente a situação real em que nos encontrávamos derivada da função supletiva dos serviços que prestávamos até à era JK a um estado brasileiro ainda largamente desaparelhado. Eram essas obras que ditavam parte substantiva dos estilos, horários e normas de nossa vida em comunidade, condicionando também a nossa espiritualidade, impossibilitando-nos outras possíveis opções mais na linha de uma realidade injusta que nos interpelava, mas à qual quase não tínhamos acesso, pois o processo vivido pela instituição nos distanciara do mundo habitado pelos pobres. Os caminhos tentados antes do Concílio – e não foram poucos – eram parciais e de natureza mais simbólica do que efetiva. Geravam indefinições e desavenças que acabavam levando a instituição enquanto tal a lugar nenhum e/ou a um voltar-se para dentro. A opção preferencial pelas classes médias da primeira metade do século XX nos atava de várias formas as mãos e os pés. Era assim grande a nossa dificuldade em entender e responder às interpelações que nos chegavam por terem sua origem no mundo dos empobrecidos da história, do qual nos achávamos insitucionalmente mais distantes que próximos. .

Passados mais 15 anos daquele primeiro texto, Palácio retornou ao tema, em 1992, ao mesmo tema, perguntando-se como poderia ou deveria a VR entender e explicar o fato de, 25 anos após o fim do Concílio e malgrado tantos e tão generosos esforços, ela estar continuando a patinar sobre o mesmo gelo escorregadio da renovação proposta pela Igreja. Sua indagação de fundo era, portanto, a de *"explicar – como e porque – a Vida Religiosa não conseguia ainda apresentar um rosto suficientemente nítido, uma "figura" convincente e significativa, capaz de expressar de maneira mediata a sua proposta evangélica"*.

Chamo a atenção para duas expressões usadas na frase acima por Carlos Palácio: a de *"figura"* e a de *"proposta evangélica"*. Com a primeira delas, ele se refere à *figura histórica* que a VR assumiu no Brasil e que gerou um grande número de candidatos e candidatas oriundos dos locais onde as congregações religiosas vindas da Europa haviam instalado suas obras mais bem sucedidas,

representadas por uma vasta rede de hospitais, instituições de ensino, casas de formação, obras de caridade e assistência, editoras, revistas, paróquias, etc. O modelo era basicamente o trazido dos países dos quais vinham eles e elas, com poucas concessões ao que era culturalmente diverso ou alternativo a esse modelo. Os destinatários principais dessas obras eram fundamentalmente os grupos sociais que começavam a constituir uma classe média urbana em um país que começava a dar os primeiros passos em direção a uma economia e organização sociopolítica mais moderna. As relações entre a Igreja e Estado, turbulentas desde os tempos da Primeira República, haviam se apaziguado à época de Getúlio Vargas, o que trouxe muitos benefícios às congregações masculinas e femininas mais representativas.

A hipótese da qual partia o teólogo jesuíta nesse seu segundo artigo era que essa figura histórica tradicional havia chegado a um estado de inanição. Já que uma figura histórica só pode se manter à medida que possui uma visibilidade reconhecida pelos seus próprios membros e também pela sociedade em que atua, seu valor passou a ser sentido como carente de uma revisão mais radical. As muitas tentativas de renovação não haviam produzido os resultados almejados. No vazio criado pelo esgotamento das formas tradicionais (que se apoiavam em claras orientações canônicas, da hierarquia e dos governos gerais) tornou-se mais nítida a necessidade de se chegar a novas configurações. Essas, porém, não podiam cair do céu como por um golpe de magia. Era indispensável que a VR com todo o seu peso institucional se pusesse novamente na situação de caminhante e pobre para, em meio às carências de mudanças nada fáceis, poder aos poucos discernir em meio ao "caos"¹ os rumos indicados pelo Espírito. Em uma sociedade plural, cultural, social e religiosamente tensa como essa em que estaremos construindo novas figuras e modelos da VR, nossas fraquezas e ilusões poderão ser um inimigo oculto ao qual não estávamos tão expostos no sistema que antes nos resguardava. Uma das aprendizagens mais significativas que fizemos nesses últimos decênios foi provavelmente a de que os religiosos e religiosas do futuro, para não se deixarem abalar pelas dificuldades da caminhada e se sentirem realizados em sua opção pela vida e missão evangélicas, precisarão ser pessoas afetivas e sexualmente amadurecidas.

Mas, o que é realmente o fundamental quando se fala da Vida Religiosa do amanhã? Para mim continuará sendo a fidelidade ao Evangelho de Jesus e a docilidade ao Espírito que conduz a Igreja. É exatamente nessa direção que caminhava já então a lúcida reflexão de Palácio do ano de 1992. Nela o guia do amadurecimento da fé do povo judeu que ele nos propõe é Abraão, o patriarca que iniciou a mesma caminhada pascal em que Moisés, Elias, Isaias e Jesus, com seus discípulos, se inseriram. A fé do patriarca foi duas vezes duramente posta à

¹ Expressão de Arbuckle, o antropólogo que falou pela primeira vez em "refundar" a Igreja e a VR.

prova por Javé. Primeiro, quando Javé mandou que ele deixasse a terra que habitava. Essa mesma ordem parece estar sendo dada à VR brasileira e que nosso povo católico canta assim: "Sai da tua terra e vai onde te indicarei". Confiando na promessa de Javé, Abraão deixou tudo e se pôs a caminho da longínqua terra da promessa.

A segunda prova a que Deus submeteu a fé do patriarca foi a de pedir o sacrifício de Israel, o filho que representava a garantia da promessa de que seria o pai de muitos povos. Esse pedido quase absurdo de Javé desafiou no mais profundo a fé de Abraão, mas, novamente ele obedeceu a Javé e caminhou até o monte Moriah para oferecê-lo em sacrifício a Deus. Será que a evolução histórica pela qual estamos passando guarda semelhança com o que se passou com Abraão e com o que tantas vezes aconteceu com a Igreja?

A demora em ver completada a renovação proposta pelo Concílio provoca em nós sentimentos de dúvida semelhantes aos dos dois de Emaús e aos de Abraão. Como eles, vacilamos e nos sentimos confusos. Perguntamo-nos mais de uma vez se vale a pena continuar a confiar na permanência e ação do Espírito. Em ocasiões de graça como esta 23ª AGE, se reacendem nossa esperança e certeza de que Deus é fiel. Mas fica em nós a pergunta: será que essa demora é um sinal dos tempos (uma tentação providencial) que nos vem do Espírito? É aí que em minha opinião reside o maior sinal dos tempos vivido pela VR neste início do século XXI. As decisões quanto aos caminhos a serem trilhados por nós devem sem dúvida ser calcadas em critérios históricos bem ponderados, mas o critério mais fundamental é que a iluminação do Espírito nos pode oferecer. É aí que a instigante lição do capítulo 24 de Lucas nos propicia o verdadeiro amadurecimento de nossa fé na presença do Senhor Ressuscitado. Aprendamos dele como toda a comunidade de Jerusalém – os apóstolos, como Pedro e João, Madalena, os discípulos de Emaús – superaram suas dúvidas e medos através de uma intensa partilha de suas experiências mais profundas, e por essa via descobriram que o Senhor continuava vivo e presente entre eles. Oxalá a leitura orante de Lucas nos recorde (isto é, nos dê um coração novo) e nos revigore no desejo de continuar crendo e buscando o que Deus quer e pede de nós. Oxalá saibamos tornar nossa a oração dos dois: "permanece conosco, Senhor!"

Algumas convicções pessoais

Minha experiência pessoal como religioso e missionário me trouxe algumas convicções que buscarei resumir brevemente a seguir. Estou antes de tudo convencido de que só fazendo caminho é que descobriremos o caminho para as

configurações novas que a VR brasileira está buscando. Para tanto, é mister reafirmar que essas formas devem nascer da vida segundo o Espírito e que essa é e foi sempre de natureza exodal, kenótica e encarnada. Explico melhor: em cada conjuntura histórica, cabe à VR "deixar" as coisas estabelecidas para buscar onde ela pode mostrar melhor à Igreja e aos aerópagos do mundo como a vocação kenótica da VR é um sinal do Reino. Essa diaconia permanente que cabe à Vida Consagrada é um serviço escondido e humilde. É trilhando por ele que a VR brasileira se perceberá melhor por onde o Espírito a está empurrando em direção a uma encarnação mais corajosa nas fronteiras da humanidade. Como um "*pusillus grex*", ele a impele a migrar das posições de centro e poder para se fazer mais visível e presente nos limites da sociedade e no "deserto", provando que é na contemplação humilde que Deus se revela como o Absoluto que basta em si mesmo. A Vida Consagrada será como se diz em inglês uma "passing over" permanente, uma "passagem pascal" abraâmica em direção à terra prometida e ao amanhã do Reino que Jesus anunciou.

O protótipo e símbolo (ambos não únicos, nem uniformes) deste tipo de Vida Consagrada não será mais o convento de muros altos e sólidos e sim a tenda frágil. Na linguagem bíblica será como o pequeno grão de mostarda que cresce em nós e nos outros sem que o percebamos, a semente que cai no chão e morre para gerar nova vida. Não quero com essa observação me referir às instituições da Igreja e/ou ao tipo de obras, algumas delas influentes e grandiosas, que herdamos e levamos avante, mas que precisamos saber ressituar. Essa discussão exigiria uma contextualização distinta que não cabe aqui. O que quero acentuar aqui é que nós, religiosos e religiosas, devemos, mais uma vez, com Jesus, ser como as comunidades que se espalharam pelo mundo, já no primeiro século, que eram evangélicas porque eram antes evangelizadas pelos pobres. Não à toa alguns anos atrás nós dizíamos, com toda razão, que são os pobres que nos revelam o Evangelho. Por essa razão a leitura orante individual e comunitária da Palavra de Deus lida desde os empobrecidos se tornou tão vital para nossa vocação de discípulos e discípulas que seguem juntos ao Senhor. É a Palavra de Deus que garantirá a nossa unidade na busca de novos caminhos e que também tornará possível o surgimento e a participação de culturas e grupos que até agora pouco puderam expressar a riqueza humana de seu modo de crer, amar, servir e louvar a Deus e ao próximo no seio da Vida Consagrada. Analogamente, é por essa via que a dimensão laical de nossa vocação na Igreja ao Reino retomará seu necessário vigor, e ao papel da mulher, consagrada ou leiga, célibe ou casada, será dada a devida importância na comunidade dos irmãos e irmãs, reunidos em torno aos mesmos carismas e missão em comunidades de seguimento nas quais vicejarão expressões de fidelidade às moções do Espírito, capazes de acolher formas de

consagração fundadas em riquezas culturais que já não proveem apenas dos modelos nascidos na Europa. Em cada uma dessas novas formas, o fundamental será escutar o que o Espírito diz às Igrejas e ter presente que o Senhor continua caminhando ao nosso lado. No centro, portanto, estará a pessoa de Jesus.

Terminando sem terminar

Termino lembrando as palavras que ouvi do Superior Geral de minha Congregação em um de nossos Capítulos Gerais:

"Tomem cuidadosamente nota do que vou dizer: estamos morrendo no Ocidente. Deveríamos por isso nos perguntar se vamos permitir que tal aconteça ou se vamos fazer algo a respeito" E acrescentou: *" Ou, usando o modo de falar que a Igreja só aprende quando experimenta a sua fraqueza: será que vamos finalmente nos deixar conduzir pelo Espírito Santo, renunciando?"*

E recorro ainda, com saudade, de uma palavra de uma das matriarcas da nova busca de formas válidas do seguimento de Jesus na realidade brasileira, a Irmã Ana Roy:

Vida Religiosa querida e cheia de graça: pequena também e sujeita a todos os ventos, realidade frágil e forte, nunca terminada... segue adiante. No momento oportuno, Ele fará novas todas as coisas!

Bibliografia de referência

Azevedo, Marcello. *Vidas Consagradas: rumos e encruzilhadas*. . São Paulo: Loyola, 1993.

Arbuckle, R. *Out of chaos. Refounding Religious Congregations*, Mahwah, 1988

CRB Nacional, *Permanece conosco! (Lc 24,29)*, Estudo, Reflexão e Oração. Brasília, 2013.

Hostie, R. *Vie et mort des ordres religieuses*, Paris: Desclée de Brower, 1972.

Palacio, Carlos. " Presente e futuro da Vida Religiosa no Brasil". In; *Convergência*, 1979, p. 213 ss.

Palacio, Carlos, " O sacrifício de Israel: uma parábola da Vida Religiosa" . In: *Convergência*, 1997, p. 359-376.

Valle, Edenio. *Que futuro para a Vida Religiosa no Brasil?* Reflexões em torno da virada do milênio. Aparecida: Editora Santuário, 1993.

Valle, Edenio. *O século XX interpela a Vida religiosa*. Aparecida: Editora santuário, 1992.